

Para que serve a Sociologia no contexto da nossa modernidade inacabada?*

José Manuel Resende**

1.

No quadro da nossa modernidade inacabada (Machado, Costa:1998), muitos desafios são colocados à Sociologia como Ciência. Face aos propósitos ligados a este ciclo de conferências organizado pela Associação Portuguesa de Sociologia, é meu propósito delinear algumas questões que no meu entender devem estar presentes quando reflectimos sobre o tipo de aprendizagem científica a desenvolver nos cursos de Sociologia de âmbito universitário.

No âmbito da experiência havida no departamento de Sociologia desde o ano lectivo de 1979/80, a aprendizagem da Sociologia era feita tendo em conta alguns princípios:

- por um lado, estava consagrado o princípio da existência de duas formações ambas ligadas à matriz disciplinar da Sociologia. Um conjunto alargado de disciplinas tinham por objectivo centrar-se na apresentação fundamentada dos principais paradigmas que faziam parte do património desta ciência. Esta formação de cariz mais teórico atravessava praticamente toda a história da disciplina, indo do pensamento herdado dos fundadores até ao investimento analítico produzido pelos contemporâneos. A outra formação era direccionada para os problemas ligados à implementação nos discentes de um espírito científico pautado pelas linhas directoras saídas do racionalismo de Gaston Bachelard. Enformados pelos três princípios defendidos por este filósofo francês – ruptura, construção e verificação – toda a formação metodológica e técnica desenvolvia-se de uma forma complementar. A aplicação das técnicas de observação sociológica não podia ocorrer sem ser integrado numa discussão teórica mais ampla e ligada a uma problematização cuja génese resultava da construção de um objecto, que devia aparecer de uma forma clara e definida. Todas as fases da investigação não eram encaradas de forma estanque e fechadas sob si próprias, mas estavam sempre sujeitas ao escrutínio da matriz teórica mobilizada em cada trabalho. Tal escrutínio não requeria um entendimento fechado do papel a ser desempenhado pela matriz teórica. Ao longo de toda a investigação o quadro teórico inicial podia ser revisto, corrigido ou recomposto, e já com o trabalho concluído as questões analíticas decorrentes da interpretação dos dados empíricos ainda,

* Esta comunicação foi produzida no âmbito de uma actividade organizada e planeada pela Associação Portuguesa de Sociologia em 2003, que teve como propósito fazer conhecer a um público mais alargado alguns dos perfis de acção dos Sociólogos. Estes perfis envolvem, em certo sentido, a apresentação do papel e do lugar dos sociólogos e da sociologia em diferentes contextos profissionais. No caso desta comunicação, a intervenção oral visou traçar aspectos relevantes de uma experiência vivida por um docente e investigador universitário. Não sendo possível visar a globalidade dessa experiência, o texto que agora se torna público visa seleccionar algumas ideias que permitam pensar mais com mais clareza e extensão alguns problemas e desafios que se colocam a esta Ciência. Por outro lado, é preciso afirmar que a pergunta que é colocada no título foi inspirada directamente da leitura de uma obra publicada um ano antes sobre este assunto e sob a coordenação científica de Bernard Lahire, *À quoi sert la Sociologie?*, Paris, Éditions la Découverte, 2002. Nesta obra colectiva um conjunto diversificado de investigadores – ligados a paradigmas distintos – reflectem sobre a utilidade e a importância da Sociologia no limiar do século XXI. No âmbito do ciclo de conferências – *Sociologia, Ciência e Profissão* – dinamizado pela Associação Portuguesa de Sociologia, as questões levantadas foram referidas na conferência que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Maio de 2003.

** Professor Auxiliar do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigador na unidade de investigação Forum Sociológico – Centro de Estudos - sediada na mesma faculdade.

eventualmente, podiam deixar de antever outros caminhos de investigação agora sob o comando de olhares sociológicos diferentes dos anteriores;

- por outro lado, estava também consagrado o princípio do diálogo disciplinar com as Ciências Sociais, em particular com a História, a Antropologia, a Economia e a Geografia.

Todas as reformulações curriculares não puseram em causa este perfil de formação sociológica. A mais recente mudança operada no perfil curricular do curso, não pondo em causa aqueles princípios, estrutura-os de outra maneira. De um lado, termina a clivagem entre percurso teórico e metodológico obrigatório – de maior amplitude porque era assegurado por um maior número de disciplinas – e o percurso teórico-prático optativo – de menor amplitude porque era revestido por um pequeno lote de disciplinas. Do outro lado, as disciplinas passam a ser arrumadas em áreas – de formação teórica, de formação metodológica, de formação temática, de formação opcional ou livre –, que sob o ângulo director de algumas regras, podem ser combinadas de diversas formas ao longo de 4 anos de aprendizagem. O número de disciplinas obrigatórias definidas no novo plano curricular passam a ser só 8: 4 na área de formação teórica e 4 na área de formação metodológico. As possibilidades de combinação no tipo de formação a adquirir aumenta substancialmente, mas sem nunca descurar o princípio de uma formação especializada num dado domínio deste saber com o princípio de uma formação geral tendo em conta a diversidade domínios específicos desenvolvidos por esta Ciência Social. Neste sentido, e ao longo da aprendizagem em 4 anos, os futuros sociólogos contactam com um número limite de disciplinas distribuídas por cinco áreas temáticas diversificadas: território, ambiente e cidade; política e história; demografia; sociologia económica, das organizações e das inovações e a sociologia da educação e da cultura. Finalmente, a conclusão da formação ainda exige ao estudante que tome uma decisão entre três possíveis caminhos: ou escolher um minor oferecido por uma das formações académicas existentes na faculdade, ou escolher uma área opcional em que deseje especializar-se, ou ainda escolher um conjunto de 10 disciplinas de opção, que não estão sujeitas a lógicas pré-determinadas ou fixas.

2.

Definidas as traves mestras do actual enquadramento do novo plano de estudos, a intervenção lectiva que actualmente tento desenvolver prende-se com algumas preocupações levantadas por alguns sociólogos (Giddens:1994), (Wagner:1996), (Martuccelli:2002) quando analisam o processo de modernidade em curso nas sociedades contemporâneas. Para que serve a formação e a aprendizagem da Sociologia no quadro de uma modernidade assente, no dizer de Wagner, nos princípios da liberdade, da auto-realização e da disciplina?

Tendo também como pano de fundo as sugestões analíticas avançadas por Boltanski (1990,2001) e por Boltanski e Thévenot (1991) sobre a Sociologia da Crítica – voltar a introduzir na análise sociológica «a existência dos motivos morais que as pessoas invocam para justificar as suas acções ou criticar as acções dos outros» (Boltanski,2001:14) – a aprendizagem desta disciplina precisa de contemplar outros eixos problemáticos, assentes numa concepção de actor que não se encontra permanentemente preso a posições sociais (e às mesmas posições sociais) inscritas no seu corpo, no julgamento dos factos e na matriz dos seus sentidos práticos da prática. Esta outra incursão exige equacionar de outra forma as relações estreitas entre a história desta disciplina e os percursos sinuosos da nossa modernidade.

Os investimentos analíticos de Martuccelli (1999,2001,2002) constituem um estímulo forte para esta aventura, aliás, já presente no espírito e na letra do processo de investigação concluído há pouco tempo sobre o trabalho de engrandecimento profissional levado a cabo por gerações de professores do Ensino Secundário Público no Estado Novo (Resende:2003). Recusando entrar «numa antropologia da acção desdobrada» (Boltanski:2001), (Resende:2003), onde os comportamentos ilusórios e inconscientes ganham terreno, a nossa aposta recai na apresentação do património da Sociologia ao longo da modernidade de mais de 200 anos em torno de três eixos fundamentais (Martuccelli:1999):

- um primeiro eixo investe analiticamente sobre os processos de diferenciação e de segmentação social que se expandem ao longo da modernidade. No sentido de demonstrar a importância que este tema assume no património da Sociologia recorremos aos contributos de Durkheim, Parsons e Bourdieu;
- um segundo eixo investe analiticamente sobre os processos sociais marcados pela crescente importância que é atribuída à racionalização, quer quando se fala das relações entre a ciência e a tecnologia, quer quando se aborda as relações entre o espírito do capitalismo, o mercado, a planificação e a ética da responsabilidade, quer ainda quando se discute os dispositivos e mecanismos de autocontrolo dos comportamentos, dos impulsos, das emoções, da excitação, em suma da postura comportamental descontrolada visível em muitos contextos da nossa modernidade. No sentido de convocar o interesse manifestado por muitos sociólogos sobre estes assuntos elegemos as obras de Weber, de Elias e de Foucault.;
- um terceiro eixo investe analiticamente sobre os processos sociais constitutivos da própria condição humana moderna, centrados na crescente individuação que é impulsionada sobretudo pela multiplicação de guias de acção que tentam enformar uma imagem do self a partir de si mesmo, como sinal expressivo da sua auto-realização nas sociedades modernas, ou centrados na multiplicação de fontes e formas identitárias que se cruzam e se combinam de diversas maneiras, ou ainda centrados na eleição da subjectivação humana ou também centrados nas situações de disputa onde os actores convocam o princípio da justificação ajustada das suas críticas e das suas acções assentes num princípio geral de grande alcance político.

3.

Não sendo a Sociologia uma ciência benfeitora (Runciman:2001), (Resende:2003), a nossa preocupação analítica não apresenta qualquer marca apologética, envolta sobretudo na necessidade de intervir politicamente, elegendo como herói as populações pobres e sem os recursos indispensáveis para descodificar o mundo. Nem tão pouco as nossas incursões analíticas tentam contribuir para a emancipação dos indivíduos desfavorecidos e que estão sujeitos a uma maquinaria cultural que os impede de se libertarem do mundo de ilusões a que estão submetidos. Fazer do indivíduo moderno e dos processos de individuação o nosso objecto de questionamento sociológico não pode ser lido como a consequência directa das proposições produzidas anteriormente. A nossa escolha foi o resultado de um outro percurso intelectual. Na verdade, o nascimento da modernidade é marcado pela autonomização da figura do indivíduo que rompe com os laços de dependência pessoal inscritos na vivência comunitária que durante séculos se estendeu por toda a Europa. O retrato das relações que se podem estabelecer entre a história da sociologia e a história da modernidade demonstra o interesse por este questionamento. O interesse aqui manifestado pelas «gramáticas dos indivíduos modernos» (Martuccelli:2002), não significa qualquer desprezo analítico sobre a formação dos diferentes agrupamentos humanos a que estes se aliam ou mostrem sinais significativos de identificação. Aquilo que nos suscita interesse manifesto é justamente reflectir sobre a complexidade destes processos de agregação e de coordenação das acções. O que faz mover os indivíduos modernos nesta rede complexa de cenários, de contextos de interacção formais e informais e de formas múltiplas de tradução das suas razões e das suas justificações apresentadas em distintas situações? A Sociologia também serve para reexaminar o «estranho paradoxo da situação do indivíduo na teoria social contemporânea. Para alguns, ainda e sempre, é grande a tentação para dele literalmente se desembaraçarem. (...) Mas para outros, exactamente o inverso, o indivíduo é mais do que nunca (...) um objecto de parte inteira para as Ciências Sociais» (Martuccelli,2002:556).

Bibliografia

- BOLTANSKI, L. (1990) – *L'amour et la justice comme compétences. Trois essais de sociologie de l'action*, Paris, Éditions Métailié.
- BOLTANSKI, L. (2001) - «A moral da rede ? Críticas e justificações nas recentes evoluções do capitalismo», *Forum Sociológico*, nº5-6, 13-35.
- BOLTANSKI, L., THÉVENOT, L. (1991, 1ª edição de 1987) – *De la justification. Les économies de la grandeur*, Paris, Éditions Gallimard.
- COSTA, A.F., MACHADO, F.L. (1998) - «Processos de uma modernidade inacabada. Mudanças estruturais e mobilidade social» in Viegas, JML, Costa, AF (coord), *Portugal que modernidade?*, Oeiras, Celta.
- GIDDENS, A (1994) – *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta.
- LAHIRE, B. (direc.) (2002) – *À quoi sert la Sociologie ?*, Paris, Éditions la Découverte.
- MARTUCCELLI, D. (1999) – *Sociologies de la modernité*, Paris, Gallimard.
- MARTUCCELLI, D. (2001) – *Dominations ordinaires. Explorations de la condition moderne*, Paris, Éditions Balland
- MARTUCCELLI, D. (2002) – *Grammaires de l'individu*, Paris, Gallimard.
- RESENDE, J.M. (2003) - *O Engrandecimento de uma profissão. Os professores do Ensino Secundário Público no Estado Novo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- RESENDE, J.M. (2003) - « À procura do(s) sentido(s) perdido(s): dos limites das concepções de poder e de dominação simbólica em Pierre Bourdieu equacionados a partir das suas reflexões sobre o conceito de representação social e simbólica» a publicar no próximo número da revista *Forum Sociológico*.
- RUNCIMAN
- WAGNER, P. (1996), *Liberté et Discipline. Les deux crises de la modernité*, Paris, Éditions Métailié.